

Francis Ponge: “Le Galet”/ “O Cascalho”
Tradução de Adalberto Müller

115

RECEBIDO EM: 24/11/2018

ACEITO EM: 10/12/2018

PUBLICADO EM: dezembro 2018

FRANCIS PONGE: “LE GALET”/ “O CASCALHO”



Tradução, notas e apresentação:

Adalberto MÜLLER
Universidade Federal Fluminense¹

“**L**e galet”, escrito entre 1928 e 1941, é o texto que fecha o volume *Le parti pris des choses* (1942) de Francis Ponge. Apresentamos aqui a retradução desse texto que já foi traduzido por Carlos Loria (*O seixo*. Salvador: Audience of One, 1994) e integrou a coletânea *O Partido das Coisas* (São Paulo: Iluminuras, 2000), também com o título “O seixo”, em tradução de Ignácio Neis e Michel Peterson. Esta retradução faz parte do volume em preparação de *Partido das Coisas*, a sair pela Editora Iluminuras, em 2019.

116 No conjunto do livro de 1942, “Le galet” fecha uma espécie de ciclo mineral, que se inicia em “Pluie”, o primeiro texto. Trata-se, para Ponge, de realizar um de seus ideais, o da cosmogonia poética, cujo modelo ele buscou em *De rerum natura*, de Lucrécio. A leitura da obra do geógrafo Emmanuel de Martonne foi sem dúvida decisiva para Ponge. Em *Le Savon*, publicado nos anos 1960, Ponge retoma, de certa forma, o cascalho, e propõe que o sabão lhe convém mais como ideal de dissolução total em seu meio, para formar bolhas retóricas.

A palavra “galet” tanto pode ser traduzida como seixo (mais comum, no Brasil, como pedra de jardim, seixo rolado) quanto cascalho. Tanto o seixo quanto o cascalho são arredondados, mas o seixo é menor. As praias do sul da França (que Ponge frequentou desde a infância) são, em sua maioria, praias de cascalhos. Sigo a norma da ABNT e textos de oceanografia que definem o cascalho como fragmento de rocha arredondada entre 2 e 60mm encontrado em praias. O uso do cascalho (e da brita) na construção civil certamente generalizou o nome para outros tipos de pedra arredondada e fragmentada.

O cascalho

O cascalho não é uma coisa fácil de definir bem.

Se nos contentarmos com uma simples descrição, pode-se dizer logo que é uma forma ou um estado da pedra entre a rocha e o seixo.

Mas essa afirmação implica uma noção da pedra que deve ser justificada. Que não me ataquem, nessa matéria, por retornar a uma distância maior que o dilúvio.

*

Todas as rochas saíram por cissiparidade de um mesmo antepassado enorme. Desse corpo fabuloso só há uma coisa a se dizer, a saber que fora dos limbos ele não soube ficar em pé.

A razão só o atinge amorfo e espalhado entre os saltos pastosos da agonia. Ela acorda para o batismo de um herói do tamanho do mundo, e descobre a masseira terrível de um leito de morte.

Que o leitor aqui não se apresse, que ele antes admire, no lugar de expressões tão pesadas e fúnebres, a grandeza e a glória de uma verdade que, ao menos, pôde torná-las transparentes e não parecer obscura.

117

Assim, em um planeta dantes frio e opaco, brilha agora o sol. Nenhum satélite de chamas ilude mais a seu respeito. Toda a glória e toda a existência, tudo o que faz ver e tudo o que faz viver, a fonte de toda aparência objetiva se retirou. Os heróis que saíram dele, que gravitavam à sua volta, voluntariamente se eclipsaram. Mas para que a verdade de que eles abdicam a glória – em proveito de sua própria fonte – conserve um público e objetos, mortos ou a ponto de morrer, eles não deixam de continuar a sua ronda em torno dela, seu serviço de espectadores.

Acredita-se que tal sacrifício, a expulsão da vida para além naturezas outrora tão gloriosas e ardentes, não tenha ocorrido sem dramáticas reviravoltas interiores. Essa é a origem do caos cinzento da Terra, nossa humilde e magnífica morada.

Assim, após um período de torções e dobras semelhante às de um corpo que se agita enquanto dorme debaixo de cobertores, nosso herói, vencido (por sua consciência) como por uma monstruosa camisa de força, apenas experimentou explosões íntimas, cada vez mais raras, de efeito rompante em um invólucro cada vez mais pesado e frio.

Ele morto, e ela caótica, agora se confundem.

*

Desse corpo que, de uma vez por todas, perdeu, junto com a faculdade de se comover, a de se refundir em uma pessoa inteira, a história, desde a lenta catástrofe do resfriamento, será apenas a de uma perpétua desagregação. Mas é nesse momento que acontecem outras coisas: com a grandeza morta, a vida logo deixa ver que não tem nada em comum com aquela pessoa. E logo com mil e um recursos.

Tal é hoje a aparência do globo. O cadáver em nacos do ser do tamanho do mundo não faz mais do que servir de cenário para a vida de milhões de seres infinitamente menores e mais efêmeros que ele. A multidão desses seres em alguns lugares é tão densa que dissimula inteiramente a ossatura sagrada que lhes serviu outrora de único suporte. E é apenas uma infinidade de seus cadáveres que, conseguindo desde então imitar a consistência da pedra, porque se chama tal terra de vegetal, lhes permite há alguns dias reproduzir-se sem nada ficar devendo à rocha.

Aliás, o elemento líquido, quiçá de origem tão antiga quanto aquele de que estou tratando aqui, reunindo-se em superfícies mais ou menos extensas, o recobre, esfrega-se nele, e em golpes repetidos ativa a sua erosão.

118 Descreverei então algumas das formas que a pedra, atualmente esparsa e humilhada pelo mundo, mostra aos nossos olhos.

*

Os fragmentos maiores, lajotas mais ou menos invisíveis sobre as vegetações entrelaçadas que se agarram a eles, tanto por religião quanto por outros motivos, constituem a ossatura do globo.

São verdadeiros templos: não tanto construções erigidas arbitrariamente acima do solo, mas os restos impassíveis do antigo herói, que esteve outrora verdadeiramente no mundo.

Empenhado na imaginação de coisas grandes em meio à sombra e o perfume das florestas que cobrem esses blocos misteriosos às vezes, o homem, apenas com a mente, supõe que haja abaixo uma continuidade.

Nos mesmos locais, numerosos blocos mais pequenos chamam a sua atenção. Espalhados sob o bosque pelo tempo, bolas irregulares de miolo de pedra, amassadas pelos dedos desse deus.

Desde a explosão do enorme antepassado e de sua trajetória nos seus céus abatidos sem recurso, os rochedos se calaram.

Invadidos e fraturados pela germinação, como um homem que já não faz a barba, escavados e preenchidos pela terra móvel, nenhum deles, incapazes de qualquer reação, agora canta qualquer palavra.

Suas figuras, seus corpos, se fendem. Nas rugas da experiência, a ingenuidade se aproxima e se instala. Rosas se assentam sobre seus joelhos cinzentos, e apresentam contra eles sua ingênua diatribe. Eles as admitem. Eles, de quem outrora o granizo desastroso iluminou as florestas, e cuja duração é eterna em estupor e resignação.

Eles riem de ver, em torno de si, suscitadas e condenadas tantas gerações de flores, de uma carnação, aliás, digam o que quiserem, apenas um pouco mais viva que a deles, e de um rosa tão pálido e tão sem graça quanto o cinza deles. Eles pensam (como as estátuas, sem se darem ao trabalho de dizê-lo) que esses matizes foram emprestados dos brilhos do céu ao pôr do sol, brilhos que aliás o céu ensaia toda tarde em memória de um incêndio bem mais reluzente, por ocasião daquele famoso cataclismo em que, projetados violentamente nos ares, eles experimentaram um momento de magnífica liberdade que terminou dando nesse formidável aterramento. Não longe dali, o mar, dos joelhos rochosos dos gigantes, espectadores dos esforços espumosos de suas donas abatidas em suas bordas, arranca incessantemente blocos que ele guarda, abraça, balança, embala, remexe, amassa, bajula e pole em seus braços contra seu corpo, ou abandona num canto de sua boca como uma drágea, que depois expele da boca, e coloca numa borda hospitaleira em declive em meio a um rebanho já numeroso, ao seu alcance, almejando pegá-lo novamente ali mesmo, para dele se ocupar com mais afeto, de modo ainda mais apaixonado.

No entanto o vento sopra. Faz voar a areia. E se uma dessas partículas, forma última e ínfima do objeto que nos ocupa, chega a se introduzir realmente em nossos olhos, é assim mesmo que a pedra, pelo modo de ofuscar que lhe é característico, pune e termina nossa contemplação.

A natureza nos fecha assim os olhos quando chega o momento de interrogar, no interior da memória, se as informações que uma longa contemplação nela acumulou já não a teriam provido de alguns princípios.

*

A um espírito pobre de noções, que se nutriu primeiro de tais aparências, a propósito da pedra a natureza aparecerá enfim, à luz de uma tal simplificação, como um relógio cujo princípio é feito de engrenagens que giram em velocidades bastante desiguais, embora acionadas por um único motor.

Os vegetais, os animais, os vapores e os líquidos, ao morrer e renascer, giram de modo mais ou menos rápido. A grande engrenagem de pedra nos parece praticamente imóvel, e, mesmo teoricamente, só podemos conceber uma parte da fase de sua lentíssima desagregação.

Assim sendo, ao contrário da opinião comum que faz dela, aos olhos dos homens, um símbolo da duração e da impassibilidade, o que se pode dizer de fato é que a pedra, por não se reformar na natureza, ela é, na verdade, a única coisa nela que morre constantemente.

De modo que a vida, pela boca dos seres que recebem sucessivamente e por um período restrito de tempo seu depósito, deixa acreditar que ela inveja a solidez indestrutível desse cenário. Aí está a unidade de ação que lhe parece dramática: ela pensa confusamente que seu suporte pode um dia falhar, enquanto ela própria se sente eternamente ressuscitável. Num cenário que renunciou à comoção e deseja apenas cair em ruínas, a vida se inquieta e se agita por só saber ressuscitar.

Claro que a pedra também aparece às vezes agitada. Apenas em seus últimos estágios, quando cascalhos, saibros, areia, poeira, ela já não é capaz de representar o papel de recipiente ou de suporte das coisas animadas. Desamparada do bloco fundamental, ela rola, ela voa, ela cobra seu lugar na superfície, e toda vida então recua para longe das mornas extensões, onde o frenesi do desespero a dispersa e ao mesmo tempo a reúne.

Faço notar, por fim, como princípio deveras importante, que todas as formas da pedra, que representam, todas, algum estado da sua evolução, existem simultaneamente no mundo. Aqui não há gerações ou raças desaparecidas. Os Templos, os Semideuses, as Maravilhas, os Mamutes, os Heróis, os Avós estão todo dia ao lado dos netos. Cada homem pode tocar em carne e osso todos os possíveis desse mundo em seu jardim. Não há concepção: tudo existe; ou melhor, como no paraíso, toda concepção existe.

*

Se eu quiser examinar agora mais atentamente um dos tipos particulares da pedra, a perfeição de sua forma, e o fato que eu possa agarrá-lo e girá-lo na minha mão, me levam a escolher o cascalho.

Além do mais, o cascalho é exatamente a pedra na época em que começa para ela a idade da pessoa, do indivíduo, isto é, da palavra.

Comparado ao banco rochoso de onde deriva diretamente, ele é a pedra já fragmentada e polida em um grande número de indivíduos quase semelhantes. Comparado ao pequeno saibro,

pode-se dizer que, em função do lugar onde se encontra, pois que o homem também não tem o costume de fazer dele uso prático, é a pedra ainda selvagem, ou ao menos não doméstica.

Ainda alguns dias sem significação em qualquer ordem prática do mundo, aproveitemo-nos de suas virtudes.

*

Carregado um belo dia por uma das inumeráveis carroças do fluxo marinho, que desde então, ao que parece, apenas descarregam para os ouvidos o seu vão carregamento, cada cascalho repousa no amontoado das formas de seu antigo estado, e das formas de seu futuro.

Não muito longe dos locais em que uma camada de terra vegetal recobre ainda seus enormes avós, no sopé do banco rochoso em que se opera o ato de amor de seus parentes mais próximos, ele se assenta no solo, formado pelos próprios grãos deles, onde o vagalhão escavador procura por ele e o perde.

Mas esses locais em que o mar ordinariamente o relega são os mais impróprios a toda homologação. Suas populações jazem ali, e apenas a extensão o sabe. Cada qual se acredita perdido por não ter um número, e por ver que apenas forças cegas o levam em consideração.

121

E, na verdade, onde quer que tais rebanhos repousem, cobrem praticamente todo o chão, e suas costas formam uma plateia incômoda tanto para o pouso do pé como o do espírito.

Nenhum pássaro. De quando em quando um broto de verde surge entre eles. Lagartos percorrem os percorrem, contornando-os sem cerimônia. Gafanhotos saltando medem mais a si mesmos do que os medem. Homens às vezes distraídos lançam ao longe um deles.

Mas esses objetos do último bocado, perdidos sem ordem em meio a uma solidão violada por ervas secas, os sargaços, as rolhas velhas e todo tipo de destroços de provisões humanas, – imperturbáveis em meio aos mais fortes turbilhões da atmosfera, – assistem mudos ao espetáculo daquelas forças que correm às cegas até perderem o fôlego por causa da caça de todo fora de qualquer razão.

No entanto, apegados a lugar nenhum, eles permanecem em seu lugar qualquer sobre a superfície. O vento mais forte que arranca uma árvore ou demole um edifício não pode deslocar um cascalho. Mas, como ele faz voar a poeira em volta, é assim que os furões dos furacões desenterram às vezes alguns desses marcos do acaso de seus lugares quaisquer há séculos sob a camada opaca e temporal da areia.

Mas, contrariamente, a água, que torna escorregadio e comunica sua qualidade de fluido a tudo que ela pode envolver inteiramente, consegue seduzir essas formas e arrastá-las, às vezes.

Pois o cascalho se lembra que ele nasceu dos esforços desse monstro amorfo sobre o monstro igualmente amorfo da pedra. E como sua pessoa ainda só pode receber acabamento em repetidas vezes pela aplicação do líquido, ela permanece dócil a ele, por definição, para todo o sempre.

Opaco em seu chão como o dia é opaco em relação à noite, no mesmo instante em que a onda o retoma logo o faz reluzir. E embora ela não aja em profundidade, mal chegando a penetrar o aglomerado finíssimo e fechado, a mais tênue embora mais ativa aderência do líquido provoca uma modificação sensível em sua superfície. Parece que ela a pole novamente, e assim cura ela mesma as feridas de seus precedentes amores. Aí, por um momento, o exterior do cascalho se parece com seu interior: em todo o seu corpo, o olho da juventude.

Entretanto sua forma suporta os dois meios, perfeitamente. Mantém-se imperturbável durante a desordem dos mares. Acaba saindo dela menor, mas inteiro, ou, se quiserem, igualmente *grande*, já que suas proporções não dependem de modo algum do seu volume.

Quando sai do líquido, logo seca. É por isso que, apesar dos monstruosos esforços aos quais foi submetido, a marca líquida não pode permanecer em sua superfície: ele a dissipa sem o mínimo esforço.

122

Enfim, a cada dia menor, mas sempre seguro de sua forma, cego, sólido e seco em sua profundidade, seu caráter não é o de se deixar confundir, mas antes de se deixar reduzir pelas águas. Também quando, vencido, ele enfim se torna areia, a água não o penetra como faz com a poeira. Guardando então todos os traços, salvo justamente os do líquido, que se limita a poder apagar nele os que foram feitos por outros, ele deixa passar através de si todo o mar, sem poder de modo algum fazer lama com ele.

*

E mais não direi, pois essa ideia de um desaparecimento de sinais me leva a refletir sobre os defeitos de um estilo que se apoia demasiadamente nas palavras.

Bem feliz apenas de haver estreado com a escolha do *cascalho*: pois um douto espirituoso irá apenas sorrir, mas sem dúvida ficará comovido quando meus críticos disserem adrede: “Havendo empreendido escrever uma descrição da pedra, ele se emperrou.”

Le Galet

Le galet n'est pas une chose facile à bien définir.

Si l'on se contente d'une simple description l'on peut dire d'abord que c'est une forme ou un état de la pierre entre le rocher et le caillou.

Mais ce propos déjà implique de la pierre une notion qui doit être justifiée. Qu'on ne me reproche pas en cette matière de remonter plus loin même que le déluge.

*

Tous les rocs sont issus par scissiparité d'un même aïeul énorme. De ce corps fabuleux l'on ne peut dire qu'une chose, savoir que hors des limbes il n'a point tenu debout.

La raison ne l'atteint qu'amorphe et répandu parmi les bords pâteux de l'agonie. Elle s'éveille pour le baptême d'un héros de la grandeur du monde, et découvre le pétrin affreux d'un lit de mort.

Que le lecteur ici ne passe pas trop vite, mais qu'il admire plutôt, au lieu d'expressions si épaisses et si funèbres, la grandeur et la gloire d'une vérité qui a pu tant soi peu de les rendre transparentes et n'en paraître pas tout à fait obscurcie.

Ainsi, sur une planète déjà terne et froide, brille à présent le soleil. Aucun satellite de flammes à son égard ne trompe plus. Toute la gloire et toute l'existence, tout ce qui fait voir et tout ce qui fait vivre, la source de toute apparence objective s'est retirée à lui. Les héros issus de lui qui gravitaient dans son entourage se sont volontairement éclipsés. Mais pour que la vérité dont ils abdiquent la gloire — au profit de sa source même — conserve un public et des objets, morts ou sur le point de l'être, ils n'en continuent pas moins autour d'elle leur ronde, leur service de spectateurs.

L'on conçoit qu'un pareil sacrifice, l'expulsion de la vie hors de natures autrefois si glorieuses et si ardentes, ne soit pas allé sans de dramatiques bouleversements intérieurs. Voilà l'origine du gris chaos de la Terre, notre humble et magnifique séjour.

Ainsi, après une période de torsions et de plis pareils à ceux d'un corps qui s'agite en dormant sous les couvertures, notre héros, maté (par sa conscience) comme par une monstrueuse camisole de force, n'a plus connu que des explosions intimes, de plus en plus rares, d'un effet brisant sur une enveloppe de plus en plus lourde et froide.

Lui mort et elle chaotique sont aujourd'hui confondus.

*

De ce corps une fois pour toutes ayant perdu avec la faculté de s'émouvoir celle de se refondre en une personne entière, l'histoire depuis la lente catastrophe du refroidissement ne sera plus que celle d'une perpétuelle désagrégation. Mais c'est à ce moment qu'il advient d'autres choses : la grandeur morte, la vie fait voir aussitôt qu'elle n'a rien de commun avec elle. Aussitôt, à mille ressources.

Telle est aujourd'hui l'apparence du globe. Le cadavre en tronçons de l'être de la grandeur du monde ne fait plus que servir de décor à la vie de millions d'êtres infiniment plus petits et plus éphémères que lui. Leur foule est par endroits si dense qu'elle dissimule entièrement l'ossature sacrée qui leur servit naguère d'unique support. Et ce n'est qu'une infinité de leurs cadavres qui réussissant depuis lors à imiter la consistance de la pierre, par ce qu'on appelle la terre végétale, leur permet depuis quelques jours de se reproduire sans rien devoir au roc.

Par ailleurs l'élément liquide, d'une origine peut-être aussi ancienne que celui dont je traite ici, s'étant assemblé sur de plus ou moins grandes étendues, le recouvre, s'y frotte, et par des coups répétés active son érosion.

124

Je décrirai donc quelques-unes des formes que la pierre actuellement éparse et humiliée par le monde montre à nos yeux.

Les plus gros fragments, dalles à peu près invisibles sous les végétations entrelacées qui s'y agrippent autant par religion que pour d'autres motifs, constituent l'ossature du globe.

Ce sont là de véritables temples : non point des constructions élevées arbitrairement au-dessus du sol mais les restes impassibles de l'antique héros qui fut naguère véritablement au monde.

Engagé à l'imagination de grandes choses parmi l'ombre et le parfum des forêts qui recouvrent parfois ces blocs mystérieux, l'homme par l'esprit seul suppose là-dessous leur continuité.

Dans les mêmes endroits, de nombreux blocs plus petits attirent son attention. Parsemées sous bois par le Temps, d'inégales boules de mie de pierre, pétries par les doigts sales de ce dieu.

Depuis l'explosion de leur énorme aïeul, et de leur trajectoire aux cieux abattus sans ressort, les rochers se sont tus.

Envahis et fracturés par la germination, comme un homme qui ne se rase plus, creusés et comblés par la terre meuble, aucun d'eux devenus incapables d'aucune réaction ne pipe plus mot.

Leurs figures, leurs corps se fendillent. Dans les rides de l'expérience la naïveté s'approche et s'installe. Les roses s'assoient sur leurs genoux gris, et elles font contre eux leur naïve diatribe.

Eux les admettent. Eux, dont jadis la grêle désastreuse éclaircit les forêts, et dont la durée est éternelle dans la stupeur et la résignation.

Ils rient de voir autour d'eux suscitées et condamnées tant de générations de fleurs, d'une carnation d'ailleurs quoi qu'on dise à peine plus vivante que la leur, et d'un rose aussi pâle et aussi fané que leur gris. Ils pensent (comme des statues sans se donner la peine de le dire) que ces teintes sont empruntées aux lueurs des cieux au soleil couchant, lueurs elles-mêmes par les cieux essayées tous les soirs en mémoire d'un incendie bien plus éclatant, lors de ce fameux cataclysme à l'occasion duquel projetés violemment dans les airs, ils connurent une heure de liberté magnifique terminée par ce formidable atterrement. Non loin de là, la mer aux genoux rocheux des géants spectateurs sur ses bords des efforts écumants de leurs femmes abattues, sans cesse arrache des blocs qu'elle garde, étreint, balance, dorlote, ressasse, malaxe, flatte et polit dans ses bras contre son corps ou abandonne dans un coin de sa bouche comme une dragée, puis ressort de sa bouche, et dépose sur un bord hospitalier en pente douce parmi un troupeau déjà nombreux à sa portée, en vue de l'y reprendre bientôt pour s'en occuper plus affectueusement, passionnément encore.

Cependant le vent souffle. D fait voler le sable. Et si l'une de ces particules, forme dernière et la plus infime de l'objet qui nous occupe, arrive à s'introduire réellement dans nos yeux, c'est ainsi que la pierre, par la façon d'éblouir qui lui est particulière, punit et termine notre contemplation.

La nature nous ferme ainsi les yeux quand le moment vient d'interroger vers l'intérieur de la mémoire si les renseignements qu'une longue contemplation y a accumulés ne l'auraient pas déjà fournie de quelques principes.

A l'esprit en mal de notions qui s'est d'abord nourri de telles apparences, à propos de la pierre la nature apparaîtra enfin, sous un jour peut-être trop simple, comme mie montre dont le principe est fait de roues qui tournent à de très inégales vitesses, quoiqu'elles soient agies par un unique moteur.

Les végétaux, les animaux, les vapeurs et les liquides, à mourir et à renaître tournent d'une façon plus ou moins rapide. La grande roue de la pierre nous paraît pratiquement immobile, et, même théoriquement, nous ne pouvons concevoir qu'une partie de la phase de sa très lente désagrégation.

Si bien que contrairement à l'opinion commune qui fait d'elle aux yeux des hommes un symbole de la durée et de l'impassibilité, l'on peut dire qu'en fait la pierre ne se reformant pas dans la nature, elle est en réalité la seule chose qui y meure constamment.

En sorte que lorsque la vie, par la bouche des êtres qui en reçoivent successivement et pour une assez courte période le dépôt, laisse croire qu'elle envie la solidité indestructible du décor qu'elle habite, en réalité elle assiste à la désagrégation continue de ce décor. Et voici l'unité d'action qui lui paraît dramatique : elle pense confusément que son support peut un jour lui faillir, alors qu'elle-même se sent éternellement res-suscitable. Dans un décor qui a renoncé à s'émouvoir, et songe seulement à tomber en ruines, la vie s'inquiète et s'agite de ne savoir que ressusciter.

Il est vrai que la pierre elle-même se montre parfois agitée. C'est dans ses derniers états, alors que galets, graviers, sable, poussière, elle n'est plus capable de jouer son rôle de contenant ou de support des choses animées. Désarmée du bloc fondamental elle roule, elle vole, elle réclame une place à la surface, et toute vie alors recule loin des mornes étendues où tour à tour la disperse et la rassemble la frénésie du désespoir.

126

Je noterai enfin, comme un principe très important, que toutes les formes de la pierre, qui représentent toutes quelque état de son évolution, existent simultanément au monde. Ici point de générations, point de races disparue». Les Temples, les Demi-Dieux, les Merveilles, les Mammouths, les Héros, les Aïeux voisinent chaque jour avec les petits-fils. Chaque homme peut toucher en chair et en os tous les possibles de ce monde dans son jardin. Point de conception : tout existe; ou plutôt, comme au paradis, toute la conception existe.

*

Si maintenant je veux avec plus d'attention examiner l'un des types particuliers de la pierre, la perfection de sa forme, le fait que je peux le saisir et le retourner dans ma main, me font choisir le galet.

Aussi bien, le galet est-il exactement la pierre à l'époque où commence pour elle l'âge de la personne, de l'individu, c'est-à-dire de la parole.

Comparé au banc rocheux d'où il dérive directement, il est la pierre déjà fragmentée et polie en un très grand nombre d'individus presque semblables. Comparé au plus petit gravier, l'on peut dire que par l'endroit où on le trouve, parce que l'homme aussi n'a pas coutume d'en faire un usage pratique, il est la pierre encore sauvage, ou du moins pas domestique.

Encore quelques jours sans signification dans aucun ordre pratique du monde, profitons de ses vertus.

*

Apporté un jour par l'une des innombrables charrettes du flot, qui depuis lors, semble-t-il, ne déchargent plus que pour les oreilles leur vaine cargaison, chaque galet repose sur l'amoncellement des formes de son antique état, et des formes de son futur.

Non loin des lieux où une couche de terre végétale recouvre encore ses énormes aïeux, au bas du banc rocheux où s'opère l'acte d'amour de ses parents immédiats, il a son siège au sol formé du grain des mêmes, où le flot terrassier le recherche et le perd.

Mais ces lieux où la mer ordinairement le relègue sont les plus impropres à toute homologation. Ses populations y gisent au su de la seule étendue. Chacun s'y croit perdu parce qu'il n'a pas de nombre, et qu'il ne voit que des forces aveugles pour tenir compte de lui.

Et en effet, partout où de tels troupeaux reposent, ils couvrent pratiquement tout le sol, et leur dos forme un parterre incommode à la pose du pied comme à celle de l'esprit.

Pas d'oiseaux. Des brins d'herbe parfois sortent entre eux. Des lézards les parcourent, les contournent sans façon. Des sauterelles par bonds s'y mesurent plutôt entre elles qu'elles ne les mesurent. Des hommes parfois jettent distraitement au loin l'un des leurs.

Mais ces objets du dernier peu, perdus sans ordre au milieu d'une solitude violée par les herbes sèches, les varechs, les vieux bouchons et toutes sortes de débris des provisions humaines, — imperturbables parmi les remous les plus forts de l'atmosphère, — assistent muets au spectacle de ces forces qui courent en aveugles à leur essoufflement par la chasse de tout hors de toute raison.

Pourtant attachés nulle part, ils restent à leur place quelconque sur l'étendue. Le vent le plus fort pour déraciner un arbre ou démolir un édifice, ne peut déplacer un galet. Mais comme il fait voler la poussière alentour, c'est ainsi que parfois les furets de l'ouragan déterrent quelque-une de ces bornes du hasard à leurs places quelconques depuis des siècles sous la couche opaque et temporelle du sable.

Mais au contraire l'eau, qui rend glissant et communique sa qualité de fluide à tout ce qu'elle peut entièrement enrober, arrive parfois à séduire ces formes et à les entraîner. Car le galet se souvient qu'il naquit par l'effort de ce monstre informe sur le monstre également informe de la pierre. Et comme sa personne encore ne peut être achevée qu'à plusieurs reprises par l'application du liquide, elle lui reste à jamais par définition docile-Terne au sol, comme le jour

est terne par rapport à la nuit, à l'instant même où l'onde le reprend elle lui donne à luire. Et quoiqu'elle n'agisse pas en profondeur, et ne pénètre qu'à peine le très fin et très serré agglomérat, la très mince quoique très active adhérence du liquide provoque à sa surface une modification sensible. Il semble qu'elle la repolisse, et pansé ainsi elle-même les blessures faites par leurs précédentes amours. Alors, pour un moment, l'extérieur du galet ressemble à son intérieur : il a sur tout le corps l'œil de la jeunesse.

Cependant sa forme à la perfection supporte les deux milieux. Elle reste imperturbable dans le désordre des mers. D'en sort seulement plus petit, mais entier, et, si l'on veut aussi grand, puisque ses proportions ne dépendent aucunement de son volume.

Sorti du liquide il sèche aussitôt. C'est-à-dire que malgré les monstrueux efforts auxquels il a été soumis, la trace liquide ne peut demeurer à sa surface : il la dissipe sans aucun effort.

Enfin, de jour en jour plus petit mais toujours sûr de sa forme, aveugle, solide et sec dans sa profondeur, son caractère est donc de ne pas se laisser confondre mais plutôt réduire par les eaux. Aussi, lorsque vaincu il est enfin du sable, l'eau n'y pénètre pas exactement comme à la poussière. Gardant alors toutes les traces, sauf justement celles du liquide, qui se borne à pouvoir effacer sur lui celles qu'y font les autres, il laisse à travers lui passer toute la mer, qui se perd en sa profondeur sans pouvoir en aucune façon faire avec lui de la boue.

*

Je n'en dirai pas plus, car cette idée d'une disparition de signes me donne à réfléchir sur les défauts d'un style qui appuie trop sur les mots.

Trop heureux seulement d'avoir pour ces débuts su choisir le galet : car un homme d'esprit ne pourra que sourire, mais sans doute il sera touché, quand mes critiques diront : « Ayant entrepris d'écrire une description de la pierre, il s'empêtra. »

NOTAS DO TRADUTOR

Pétrin. Masseur, onde se prepara a massa do pão. Ao contrário do que parece, a palavra não provém de pedra, mas sim do latim *pinsere*, pilar, segundo o *Litttré*. Essa palavra e toda a imagem em torno dela é retirada de “Le pain”. Só que, se lá o pão serve de metáfora para o planeta, aqui é a origem do planeta que é comparada a um pão: surgido de um “avô enorme” (uma grande matéria em explosão) o planeta é um aglomerado confuso e ardente de matéria (o herói) removendo-se na masseira universal, até que, aos poucos, vai se resfriando e formando a terra. Mas a terra conservará sempre no seu interior um pouco daquele herói antigo (o magma), e também continuará o processo de fragmentação contínua (como acontece com o pão, que se torna mais e mais friável).

Dalle. Laje, revestimento retangular para pisos, aqui usado metaforicamente para descrever grandes maciços rochosos que revestem a superfície da terra, e que dão a impressão de serem um contínuo, mas são fragmentados e “religados”: Ponge usa o termo religião nesse sentido, mas também, é claro, para pensar uma religião da matéria.

129

Femmes abattues. Mulheres abatidas, isto é, as ondas. Uma versão anterior manuscrita trazia “femmes étendues” (mulheres estendidas). Em todo este período, desde “Non loin de là”, as inversões sintáticas e o uso dos pronomes torna a leitura (e a tradução) bastante difícil. Entendemos assim: o mar arranca blocos da superfície costeira (gigantes de “joelhos rochosos” que assistem aos “esforços espumosos” das ondas), e os vai fragmentando e polindo, até que o devolve como uma “drágea” (cascalho) que ele retoma para polir ainda mais.

Mémoire. Mais um eco de *Matéria e Memória*, de Bergson: em nossa memória profunda se guarda a origem do universo.

Homme d’esprit. Significa tanto um douto, intelectual, quanto espirituoso.

Empetra. Todo a clausula (ou fórmula, como em “A ostra”) final joga sobre paronomásias e homofonias, e sobre a falsa etimologia de “empêtrer” (enredar-se, confundir-se), que não vem do latim *petra*, como se acredita, mas de *pâtur*e, pasto.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

PONGE, Francis. “Le galet”. *Le parti pris des choses. Oeuvres Complètes 1*. Org. Bernard Beugnot et alii. Paris: Gallimard, 1999 (Pléiade), p. 49-56

ⁱ Adalberto Müller Junior - Doutor em Língua e Literatura Francesa (2002) pela Universidade de São Paulo. Mestre em Literatura Brasileira (1996) pela Universidade de Brasília. Licenciado em Língua e Literatura Francesa (1993) pela mesma instituição. É professor na Universidade Federal Fluminense.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2096456049485543> E-mail: adalbertomuller@gmail.com